

---

# “IGREJA E GERMANIDADE ESTÃO LIGADOS NA VIDA E NA MORTE” A ARTICULAÇÃO DO PASTOR LUTERANO ALEMÃO WILHELM ROTERMUND NO FOMENTO DA ETNICIDADE TEUTO-BRASILEIRA

---

“CHURCH AND GERMANITY ARE LINKED IN LIFE AND DEATH” THE ARTICULATION OF THE GERMAN LUTHERAN PASTOR WILHELM ROTERMUND IN THE FOMENTATION OF THE GERMAN-BRAZILIAN ETHNICITY

Fernando Diehl<sup>1</sup>

<http://lattes.cnpq.br/5211080814531692>

<https://orcid.org/0000-0001-5512-9467>

Recebido em: 20 de outubro de 2020

Aprovado em: 25 de dezembro de 2020

**RESUMO:** Este artigo visa analisar escritos do pastor doutor Wilhelm Rotermund, que atuou no Rio Grande do Sul a partir de 1875, e sua respectiva influência na ação normativa que produziu a identidade teuto-brasileira. Foi escolhido Wilhelm Rotermund por ser um caso empírico de pastor luterano alemão empenhado na articulação e propagação da *Deutschtum*<sup>2</sup> nas colônias alemãs no Sul do Brasil. Como metodologia utilizou-se a coleta de documentos e foi realizada a análise de conteúdo nos almanaques *Kalender für die Deutschen in Brasilien*; *Deutsche Post* e; *Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien* compilados em uma obra. As categorias para verificar este fenômeno social foram estabelecidas a partir do conceito de etnicidade, que visa analisar a dimensão subjetiva das ações sociais e a mobilização que os atores de um grupo étnico fazem acerca de sua ascendência cultural, assim como o significado que eles atribuem a esta. Com a análise documental foi possível constituir a base do processo sócio-histórico que desencadeou na produção da fronteira de diferenciação da etnicidade teuto-brasileira. Esta teve como uma de suas influências a atuação dos pregadores alemães em prol da manutenção da identidade étnica. A ação dos pastores luteranos alemães foi um elemento normativo que possibilitou aos teuto-brasileiros constituírem vínculos de pertencimento, mas não a única.

**Palavras-chave:** Etnicidade; teuto-brasileiros; germanidade; luteranismo; pastores luteranos

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the writings of pastor Dr. Wilhelm Rotermund, which worked as a preacher in Rio Grande do Sul since 1875, and its respective influence on the processes that produced the German-Brazilian ethnicity. Wilhelm Rotermund is an empirical case of a German Lutheran Pastor committed to the articulation and propagation of *Deutschtum* in the German colonies in South Brazil. Documents were used as a methodology, for this the content analysis was performed in the almanacs *Kalender für die Deutschen in Brasilien*; *Deutsche Post*; and *Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien*, compiled in one

---

<sup>1</sup> Discente PPG em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). [Fernandiehl@gmail.com](mailto:Fernandiehl@gmail.com)

<sup>2</sup> Germanidade, tradução livre.

book. The categories to verify this social phenomenon were established based on the concept of ethnicity, which aims to analyze the subjective dimension of social actions and the mobilization that the actors of an ethnic group makes about their cultural ancestry, and the meaning they attribute to it. With the documentary analysis it was possible to form the basis of the socio-historical process that triggered the production of the frontier of differentiation in the German-Brazilian ethnicity. One of its influences were the action of the German pastors in favor of the maintenance of the ethnic identity. The action of the German Lutheran pastors was a normative element that enabled the German-Brazilians to form bonds of belonging, but it was not the only one.

**Keywords:** Ethnicity; German-Brazilians; Germanity; Lutheranism; Lutheran pastors

## INTRODUÇÃO

Este artigo visa analisar os escritos do pastor luterano alemão doutor Wilhelm Rotermund e o fomento da etnicidade teuto-brasileira promovida por ele. Este pastor foi uma das figuras cruciais para a formação do Sínodo Riograndense, uma das principais instituições que estimularam a germanidade entre os descendentes de colonos alemães no Rio Grande do Sul. Wilhelm Rotermund nasceu em 21 de novembro de 1843, emigrou para o Brasil em 1874 após conversas com o doutor Friedrich Fabri, um importante ideólogo de que as colônias alemãs no exterior se tornariam um importante mercado de consumo para a Alemanha recém-unificada. Fabri também via na América do Sul como o local propício para o fomento da Germanidade em terras estrangeiras. Tal ideia era oriunda do debate pangermanista existente nos estados independentes que viriam formar a Alemanha em 1871. Como metodologia, para este artigo, foi utilizada a coleta e análise de documentos em escritos do pastor doutor Wilhelm Rotermund oriundos dos almanaques *Kalender für die Deutschen in Brasilien*; *Deutsche Post* e; *Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien*, compilados em uma obra (ROTERMUND, 1997). Para isso, foi realizada uma análise de conteúdo de tais escritos. A coleta e análise destes documentos ocorreu de forma sistemática, a partir das leituras se realizou uma seleção das que se adequavam ao tema proposto para este artigo.

## GRUPOS ÉTNICOS E IDENTIDADE

Este artigo articula o conceito de etnicidade, mas para uma melhor compreensão deste, é preciso dialogar também com os conceitos de identidade e de grupos étnicos. Por identidade, partimos do pressuposto que tal conceito constitui fontes de significado para os atores sociais, construídas por eles e ressignificadas por meio de um processo de individuação. Neste sentido, as identidades organizam significados (CASTELLS, 2013). A identidade étnica é uma das muitas identidades reivindicadas por grupos sociais, ela é proveniente dos grupos étnicos.

Max Weber foi um dos primeiros cientistas sociais a atribuir uma importância para a dimensão da etnia e dos grupos étnicos na experiência migratória, os indivíduos de um mesmo grupo étnico declaram possuir uma origem em comum, isto significa que eles pertencerem a uma coletividade. Max Weber analisou as consequências da crença entre os indivíduos que alegam pertencer a um mesmo grupo, e consequentemente possuir uma origem em comum.

Na compreensão de Weber é a convicção de crer que existe uma origem em comum, não uma ancestralidade objetiva, que é socialmente persuasiva. As diferenças culturais e físicas “são os pontos de referência em torno dos quais se formam as identidades de grupos” (FENTON, 2003, p. 81). Max Weber acentua que quase toda forma comum ou “contrária do hábito ou dos costumes pode motivar a crença subjetiva de que existe, entre os grupos que se atraem ou se repelem, uma afinidade ou heterogeneidade de origem” (WEBER, 2009, p. 270). Há, portanto, a crença na existência de que a comunidade é fundada nessa origem em comum, cujos símbolos são externalizados pelas tradições, costumes e, como Weber descreve, pode desenvolver uma força criadora de comunidade quando fundamentada na lembrança de uma migração (seja emigração ou imigração) e de uma colonização (WEBER, 2009). Portanto, definir grupos étnicos raciais e não raciais de acordo com a perspectiva weberiana torna mais fácil verificar as características importantes que os grupos étnicos compartilham, como “traços culturais que os diferenciam dos outros e uma consciência de grupo definida em parte com base em uma história distinta” (ALBA; NEE, 2003, p. 158, tradução nossa).

A adaptação ao novo local de destino e as recordações prévias da migração continuam atuando nos emigrantes como uma fonte do “sentimento de apego à terra natal”, mesmo quando estes “se adaptaram tão completamente ao novo ambiente que um retorno ao país de origem lhes seria insuportável (como ocorre, por exemplo, com a maioria dos alemães na América)” (WEBER, 2009, p. 270). Portanto, os grupos constroem categorias de diferenciação entre outros grupos étnicos e a população autóctone. Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart colocam que, “essas características distintivas só têm eficácia na formação dos grupos étnicos quando induzem a crer que existe, entre os grupos que as exibem, um parentesco ou uma estranheza de origem” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 38). Cabe também destacar que nas Ciências Sociais de língua inglesa, dentro dos estudos étnicos, o redescobrimto por Max Weber ocorre após a Segunda Guerra Mundial, quando autores interessados na etnicidade “resgataram” Weber, pois “a ideia das ‘diferenças raciais’ como objetivas, como constituídas por via da hereditariedade e como passíveis de estudo sistemático, está claramente presente em Weber” (FENTON, 2003, p. 80).

Os grupos étnicos são, por conseguinte, “categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas” (BARTH, 2011, p. 189). Por isso, o grupo étnico, segundo a linha de pensamento oriunda por Weber (2009), é um fenômeno social cuja existência é sempre problemática (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Questões culturais, como a língua e a religião, por exemplo, desempenham um papel importante, porquanto conotam junto ao grupo étnico o sentido de que eles compartilham um código em comum que regulamenta as suas vidas. Enfatiza-se que um grupo étnico é “uma categoria descritiva e objetiva, discernível pelo observador” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 45). Isto significa que se deve ressaltar que todos os grupos étnicos são como instituições e padrões de uma prática social na qual “identifica pessoas que se tornaram estabelecidas sobre o tempo de como as coisas são feitas em um contexto particular local, sendo que as pessoas neste local estão conscientes disso” (JENKINS, 1997, p. 61, tradução nossa). Steve Fenton complementa esta ideia de grupo étnico com três adições: o grupo é uma espécie de subconjunto no quadro de um Estado-nação; o ponto de referência da diferença é tipicamente a cultura e não a aparência física e; frequentemente o grupo referido é o “outro” (estrangeiro, exótico, minoria, *alienígena*) que não seja parte da maioria, esta presumida como *não étnica* (FENTON, 2003) e aquela como étnica, ou seja, constitui-se uma etnici-

zação. Neste sentido, a maioria dominante, muitas vezes o arquétipo do imaginário identitário nacional, não é etnicizada.

No entanto, deve ser destacado que não se pode sobrevalorizar a questão étnica, o próprio Weber foi pouco entusiasta em relação ao conceito “de ‘grupo étnico’, mas sugeriu efetivamente que o seu principal significado residia numa pretensão frequentemente fictícia de ancestralidade comum e na sua importância na organização política” (FENTON, 2003, p. 91). Isto quer dizer, analisar a organização política ou social de um grupo a partir da articulação da etnia. Weber considerava a ação etnicamente orientada como um exemplo de uma ação orientada pelo afeto e pela tradição (FENTON, 2003). Os grupos tendem a criar uma ação coletiva orientada e são os mesmos que constituem os símbolos de afirmação ou diferenciação étnica. Estes símbolos de pertencimento e diferenciação nem sempre foram os mesmos, eles variam conforme o contexto (MONSMA, 2016). Assim sendo, as identidades dos grupos étnicos são processos construídos por meio da manutenção e reformulação de símbolos. Partindo desta concepção de Weber, pode-se compreender que a ideia de identidade do grupo étnico além de um importante símbolo de reconhecimento coletivo é, também, um instrumento utilizado para fomentar interesses econômicos, políticos e/ou culturais, sejam estes pelos indivíduos do grupo étnico, como também aos que se (auto) proclamam seus representantes. A etnicidade é uma forma de analisar e compreender o fenômeno social da identidade étnica de um grupo que alega possuir uma origem em comum e que partilham de símbolos de pertencimento.

Portanto, para analisar a etnicidade, deve-se compreender que alguns traços culturais são utilizados pelos atores como os símbolos de diferenciação com outros grupos étnicos, outros traços são ignorados. Consequentemente, não se pode prever a partir de princípios considerados pelos próprios pesquisadores como evidentes, quais traços de diferenciação serão realçados e considerados relevantes pelos atores. Feita essa explanação, abordaremos agora as categorias de análise do conceito de etnicidade para este artigo.

## CATEGORIAS DE ANÁLISE

As categorias para analisar a questão proposta neste artigo foram estabelecidas a partir do conceito de etnicidade elaborado por Fredrik Barth (BARTH, 2003). O autor categoriza tal conceito em três níveis analíticos: há o nível macro, isto é, as ações das instituições, organizações e Estados; o nível médio, que são as ações que visam a organização do grupo étnico e; o nível analítico micro, que visa analisar a dimensão subjetiva das ações sociais. Este artigo enfatiza mais este terceiro nível analítico. Esta compreensão da etnicidade está inter-relacionada com a de Steve Fenton (FENTON, 2003), que visa analisar a mobilização que os atores de um grupo étnico fazem acerca de sua ascendência cultural e o significado que eles atribuem a esta.

Com a análise documental foi possível constituir a base do processo sócio-histórico que desencadeou na produção da fronteira de diferenciação da etnicidade teuto-brasileira com a população autóctone. A atuação de pregadores alemães em prol da manutenção da identidade étnica, foi um dos, não o único, elemento normativo que possibilitou aos teuto-brasileiros constituírem vínculos de pertencimento.

## PASTOREAR O REBANHO NO NOVO MUNDO: GERMANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL

Quando Rotermund chegou ao Rio Grande do Sul, a partir de 1º de janeiro de 1875 tornou-se oficialmente o pastor de São Leopoldo e de Lomba Grande. Ele percebeu haver uma decadência da germanidade entre as comunidades evangélicas e o empobrecimento da vida espiritual. Para ele, havia uma relação intrínseca entre o evangelho e o fortalecimento da germanidade nas congregações. Para Rotermund esta decadência da germanidade era resultante da indiferença frente ao Evangelho (DREHER, 2003). Por isso Rotermund via no crescente uso da língua portuguesa no convívio familiar algo preocupante, frente a isso, o mesmo veio a proferir as palavras que seriam revitalizadas e usadas à exaustão nos anos 1930: *Kirche und Deutschum sind auf Leben und Tod miteinander verbunden*, que em tradução livre significa *Igreja e Germanidade estão ligados na vida e na morte* (DREHER, 2014). Para Rotermund, quem deixava de “pensar evangelicamente” deixava de ser alemão, logo havia um sentido racional na compreensão de que existe uma união entre o espírito germânico e a união evangélica (DREHER, 2003). Era tarefa do Sínodo Riograndense reverter essa situação. Rotermund compreendia o caráter universal da Igreja de Jesus, mas – para ele – ela possui formas que se apresentam conforme o contexto histórico. Neste sentido, a igreja luterana e o espírito germânicos seriam a forma da igreja dos alemães, por isso, aquela deveria ser reproduzida entre os teuto-brasileiros e alemães nas colônias no Rio Grande do Sul. Rotermund não reivindicava “um trabalho de preservação de germanidade separado de Evangelho, isso lhe é inconcebível, pois, sem o Evangelho, a germanidade perde a sua razão de ser” (DREHER, 2003, p.87). No que tange à formação eclesiástica de jovens pastores, Rotermund escreve, “é tarefa de nossa Igreja formar jovens aqui nascidos para o serviço eclesiástico, devendo-se naturalmente manter a colaboração de teólogos com formação acadêmica da Alemanha” (ROTERMUND, 1997, p.274). Rotermund era entusiasta do ideal *pangermanista*, por isso ele achava essencial manter relações para com a Alemanha.

Cabe destacar que o Rio Grande do Sul que recebeu Rotermund, era a parte do estado em que estavam os imigrantes alemães, em especial era o mundo luterano. Este era um ambiente marcado pelo *Kulturkampf*. As discussões que ocorriam na Prússia e na Alemanha “de Bismarck” também se fizeram presentes no Rio Grande do Sul e deixaram marcas no estado. Nesta questão da *Kulturkampf* pode-se perceber o quanto as populações germânicas do Brasil estavam entrelaçadas com as discussões do além-mar. Mas faltou “ao *Kulturkampf* rio-grandense a discussão em torno de questões legais, da soberania do Estado e da soberania da Igreja, aspectos peculiares à discussão na Prússia/Alemanha” (DREHER, 2014, p.22). Neste sentido, o *Kulturkampf* do Rio Grande do Sul foi uma discussão ideológica no seio do grupo étnico teuto e não um debate na esfera política. Anteriormente à chegada de Rotermund, Hermann Borchard e Karl von Koseritz mantiveram boas relações<sup>3</sup>. Dentro do debate da *Kulturkampf*, com a emigração de Borchard do Rio Grande do Sul, havia poucos pastores com formação teológica que pudessem debater à altura de von Koseritz. “Aí houve, desde 1874, outro oponente para von Koseritz, Wilhelm Rotermund. Houve duras discussões em torno de Hartmann, Feuerbach, Heckel, Büchner e Darwin” (DREHER, 2014, p.29). Cabe salientar que, “além das discussões travadas entre von Koseritz e os jesuítas no *Kulturkampf* gaúcho, Roter-

<sup>3</sup> Duas figuras importantes na população teuto-brasileira no século XIX, o primeiro representando os luteranos e o segundo os materialistas.



mund viu-se confrontado com um luteranismo profundamente dividido” (DREHER, 2014, p.30). Ele adentrou em um contexto de muitos conflitos e discussões com diversos grupos, inclusive o seu próprio, por isso, buscou tentar unifica-lo, tentando modelar o ideal do que é ser teuto-brasileiro, isto é, a articulação da dimensão micro da etnicidade.

Nas discussões entre Rotermund e Koseritz, é possível verificar os temas que dominavam a colônia alemã do Rio Grande do Sul nas décadas posteriores a 1870. Visto que cada um dos dois possuía concepções distintas no tocante à religião, os ataques que cada um dirigia ao outro foram violentos. “Interessante, contudo, é o fato de que, pouco a pouco, por causa da defesa dos interesses da população de origem germânica, foram se aproximando” (DREHER, 2014, p.147). Importante para o projeto de Rotermund em articular a germanidade entre os colonos evangélicos, foi a mudança de atitude de Karl von Koseritz. Quando se candidatou a deputado provincial pelo Partido Liberal, Rotermund o apoiou (DREHER, 2014). Já eleito deputado, von Koseritz resolveu apoiar Rotermund e, seis semanas antes da realização da assembleia de fundação do Sínodo Riograndense

colocou seu jornal a serviço da “nobre causa”. Afirmou que o Sínodo, enquanto romanização eclesiástica no Brasil, deveria ter bases democráticas, estabelecendo boas relações entre pastores e leigos. Derramou-se em louvores a Rotermund, reconhecendo seu valor e sua decidida luta em prol da valorização do ministério pastoral e da equiparação dos direitos luteranos aos dos demais súditos do Império. O Sínodo de Rotermund saberia estabelecer ordem no mundo dos luteranos (DREHER, 2014, p.119).

Esta mútua ajuda assemelha-se à ideia presente em Max Weber acerca dos grupos étnicos, quando o mesmo descreve o vínculo da ação social para fins políticos dos indivíduos de um mesmo grupo étnico (WEBER, 2009). A unificação, ao menos entre os teuto-luteranos gaúchos filiados ao Sínodo Riograndense, seria um instrumento de mobilização política deste grupo frente ao Estado brasileiro. As discussões de Koseritz, mas também de outros teuto-brasileiros no cerne da *Kulturkampf* gaúcha, com os luteranos continuaram até meados de 1879.

Rotermund notou que o teuto-brasileiro de São Leopoldo e, por conseguinte, do Rio Grande do Sul era muito distinto do alemão que conhecera na Baixa Saxônia (DREHER, 2014). Com isso, percebeu que, a realidade cultural dos teuto-brasileiros era diferente da dos alemães. Wilhelm Rotermund descobriu que no Brasil, não se debate ideias, as ideias são as próprias pessoas. Discutir ideias significa discutir com pessoas. Discordar de ideias é discordar da pessoa, tornando-a um desafeto. “Defrontava-se com mundo pré-científico. O que mais o assustava era a fofoca. Conhecera-a no Báltico, mas a fofoca de São Leopoldo era imensamente maior e aparecia estampada na imprensa” (DREHER, 2014, p.64). Assim, a ideia de promover uma *Deutschtum*, nos mesmos moldes existentes no ideal *pangermanista* seria um desafio que ele não cumpriria, mas o ressignificaria.

Em suas produções literárias, como no “*Deutsche Post*” e outros calendários, Rotermund inicialmente propagava o ideal germânico. Se apresentava como a voz da força alemã e da raça alemã. Posteriormente da etnicidade teuto-brasileira, conforme será apresentado mais adiante. Mas também foi editor de uma gramática portuguesa e de livros didáticos, neste sentido, Rotermund estava ciente da necessidade dos teuto-brasileiros conhecerem e dominarem a língua do país em que moravam.

“É certo que nossas crianças venham a conhecer, nas escolas, a língua e a história do país, mas antes de tudo devem conhecer a língua e a história do próprio clã: e o que lhes deve ser ensinado de história, de doutrina e afirmações de fé pode ocorrer em língua alemã”. Essas afirmações de Rotermund baseiam-se em seu pensamento teológico e em sua atividade pastoral. Tanto um quanto o outro estiveram influenciados pela situação dos evangélicos no Rio Grande do Sul bem como pela situação teológica intelectual da Alemanha, da qual ele provinha (DREHER, 2003, p.85).

Um dos grandes feitos de Rotermund foi o fato dele ter sido um dos articuladores da formação do Sínodo Riograndense, em 1886, mesmo com muitos sendo contrários ou achando que Rotermund não conseguiria formar um. Alegando que o mesmo fracassaria como o Sínodo de Hermann Borchard<sup>4</sup>. Rotermund conseguiu formar o Sínodo e constituir uma estrutura religiosa luterana em território gaúcho (WITT, 2015) sendo o seu primeiro presidente e voltando a ocupar o cargo posteriormente. O Sínodo Riograndense foi um importante instrumento de mobilização da etnicidade teuto-brasileira, mas os conflitos com as comunidades que mantinham o antigo sistema de registrar os seus próprios pastores nunca cessaram.

Importante para Rotermund era a questão da preservação da germanidade, por isso, o Sínodo também deveria ser uma organização com características alemãs. Em seu discurso na assembleia constituinte, disse que

“as mais fiéis e autênticas protetoras e cultivadoras de língua, costumes, espírito e vida alemã. De localidade em localidade, podemos comprovar que onde, desde o início, se formou comunidade evangélica no seio da população alemã e se constituiu com pastor próprio, a germanidade se preservou com maior vigor do que onde as comunidades só se constituíram mais tarde e que, sem a proteção da comunidade, na maioria das vezes se perdeu totalmente, caso a desgermanização não houvesse sido impedida em decorrência de sempre novo acréscimo de [imigrantes] vindos da Alemanha. O mesmo não pode ser dito acerca da igreja Católica; ela tem tendência mais cosmopolita, enquanto a Igreja da Reforma sustenta com mais vigor a nacionalidade. A pregação em língua alemã, o ensino dedicado aos confirmandos e, especialmente, a escola, que foi desde o início companheira inseparável da Igreja Evangélica e que é por ela respeitada e promovida, garantem às comunidades alemãs ainda por muitos anos a existência da germanidade [...] Cada um pode ter opinião diferente acerca da cidadania; no tocante à nacionalidade somos unanimidade ao nos alegrarmos com fato de sermos alemães e de esperarmos continuar a sê-lo” (Die Vorsynode am 19. Und 20. Mai 1886 zu S. Leopoldo: Provinz Rio Grande do Sul. 2. Aufl. São Leopoldo e Leipzig, 1887 (1887 APUD DREHER, 2014, p.120).

Na assembleia pré-sínodal, Rotermund sugeriu o nome de *Sínodo Riograndense*, enquanto Heinrich Hunsche havia indicado acrescentar o *alemão* no nome do Sínodo. O pastor Pechmann foi contrário à proposta, afirmando ser

“possível que mais tarde comunidades evangélicas de língua portuguesa se liguem a nós”. O representante da Comunidade Evangélica de São Sebastião do Cahy, F. A. Engel, ponderou que os membros do Sínodo, “mesmo sendo alemães quanto à nacionalidade, são em sua maioria pertencentes ao Estado brasileiro”. A designação “alemão” poderia provocar desconfiança (DREHER, 2003, p.87).

---

<sup>4</sup> *Sínodo Evangélico Alemão da Província do Rio Grande do Sul.*

Por fim, o requerimento propondo o acréscimo “alemão” foi rejeitado. Havia uma clara diferença entre pastores como Pechmann e Rotermund. Se este, teve sua formação acadêmica, oriunda dos ideais nacionalistas e *pangermânicos* da época, aquele obteve sua formação em uma Casa de Missão, ou seja, com o enfoque em ser missionário. Isto não significa que Pechmann era contrário à valorização da cultura alemã, o mesmo demonstra um apreço por ela em seu memorando de 4 de julho de 1891<sup>5</sup>. Mas um Sínodo não deveria ter como enfoque a dimensão da *Deutschtum*, e sim o próprio auxílio aos evangélicos, especialmente os teutos. Quando Rotermund renunciou ao cargo de presidente do Sínodo (anos depois, voltaria a assumir), foi Pechmann, até então vice-presidente, quem acabou assumindo a posição. Pechmann em seu sermão para a abertura da 5ª Assembleia Ordinária do Sínodo Riograndense, em 22 de abril de 1891<sup>6</sup>, então Vice-Presidente do Sínodo, não apela por um espírito *pangermanista*, mas tem como base a passagem presente no Evangelho de Lucas, capítulo 10, versículos 1 e 2, na qual Jesus clama que a colheita é grande, mas poucos são os trabalhadores. Com isso, realiza sua prédica em prol desse apelo por mais trabalhadores no Rio Grande do Sul, visto que há muitos alemães desprovidos de pastores. Brevemente, Pechmann salienta que esse é o mesmo dia em que a igreja estatal da Prússia comemora o *Buß- und Betttag*, um feriado para celebrar o dia do arrependimento e da oração. Cabe destacar que Pechmann conclamava um trabalho do Sínodo para com os imigrantes (FISCHER, 1967b, documento 9). Nas Casas de Missão, a dimensão nacional, assim como a promoção de um valor teuto no exterior, era visto como algo de menor importância. Por terem a formação como missionários, os mesmos tinham o foco mais em ir a campo entre os “pagãos”. Por isso, Martin Braunschweig viria sugerir ao Conselho Superior Eclesiástico, em 1907, que não mais se enviassem “egressos de Casa de Missão ao Brasil, pois estes não entendiam ‘que, ao lado de sua missão em primeira linha evangélico-eclesiástica, também teriam uma missão nacional a cumprir’” (DREHER, 2003, p.88).

Ao viajar à Alemanha em 1887, Rotermund ministrou conferências que visavam procurar atrair alemães para o Sul do Brasil. Rotermund louvou a fertilidade do solo gaúcho, ele lembrou que 96% dos emigrantes alemães se “dirigiam aos Estados Unidos, onde se perdiam, em sua opinião, para a cultura alemã. No Brasil haveria paz e possibilidade de rápido progresso econômico, em belas e acolhedoras picadas” (DREHER, 2014, p.163). O belo solo do Rio Grande do Sul podia facilmente ser cultivado, com o clima ameno em pouco tempo o imigrante não teria mais dívidas e poderia desfrutar a sua paz. Nesta viagem à Alemanha, Rotermund escreveu em uma carta, “Como ficarei feliz quando o navio me levar de volta novamente ao país que – outrora terra estranha – agora me é querência” (DREHER, 2014, p.171). Neste mesmo ano, Wilhelm Rotermund se naturalizou como cidadão brasileiro. Provavelmente quem melhor tenha entendido essa decisão foi Karl von Koseritz, que escreveu,

“O senhor Dr. Rotermund, cujo jornal, o Deutsche Post, prestou tão relevantes serviços à causa da germanidade, pretende deixar de fazer política à moda platônica e solicitar a naturalização. Ao amigo cordial aperto de mão por causa dessa decisão! O exemplo de pessoa na posição do senhor Dr. Rotermund necessariamente tem consequências animadoras e muitos outros há de seguir seu exemplo” (DREHER, 2014, p.167).

<sup>5</sup> FISCHER, 1967b, documento 9.

<sup>6</sup> FISCHER, 1967a, documento 5, tradução livre.



## O NASCIMENTO DO TEUTO-BRASILEIRO

Anteriormente Rotermund havia buscado ser alemão e influenciar os brasileiros descendentes de alemães. Na busca desse objetivo, descobriu a sua tragédia. Em um país de imigrantes, como era o Brasil, a unidade tinha que ser conquistada por intermédio “da unidade linguística e através da perda de identidades. Conquistas podem significar perdas. Só quando as perdas se concretizaram descobre-se a riqueza que se tinha e que se perdeu” (DREHER, 2014, p.169). A partir deste momento, Rotermund deixa de “ser” um alemão falando para brasileiros e torna-se ele mesmo um teuto-brasileiro. Promovendo não mais uma *Deutschtum* abstrata, mas a etnicidade teuto-brasileira, reconhecendo as diferenças destes para com os alemães. O Brasil que Rotermund conheceu foi o Rio Grande do Sul, assim como algumas poucas cidades portuárias do país. Os interiores que conheceu foram os do estado gaúcho. Jamais visitou qualquer colônia de imigrantes fora do Rio Grande. “Sua ‘causa’ o prendeu a essa região do Brasil, e as vias de comunicação eram tão precárias que impossibilitavam rápidos deslocamentos para outros estados” (DREHER, 2014, p.170).

As tensões que observou nas relações entre teuto-gaúchos e gaúchos de outras etnias também percebeu nas relações entre teuto-brasileiros e alemães. Rotermund, ao “tornar-se” teuto-brasileiro, ou melhor, teuto-gaúcho, apelou para que os alemães desistissem de tentar “regenerar” os teuto-gaúchos como setores *pangermanistas* ansiavam. A *Heimat*<sup>7</sup> dos teuto-gaúchos era o Rio Grande do Sul e o Brasil. Por isso, sua postura em relação ao Brasil é dissemelhante da do alemão. “As categorias do político de ambos são distintas. E, lembra, a natureza e a geografia na qual estão inseridos são profundamente distintas e produzem seres humanos diferentes” (DREHER, 2014, p.169). Consequentemente, alemães e teuto-gaúchos podem conviver se descobrirem que têm raízes culturais comuns, estas, são para Rotermund a única dependência da Alemanha “(*die einzige Abhängigkeit von Deutschland*) que os teutos do Brasil deveriam manter e cultivar” (DREHER, 2014, p.169). Pois os teuto-brasileiros não são alemães, a sua *Heimat* é o Brasil. Por não conhecer o restante do Brasil, o amor de Rotermund centrou-se no Rio Grande do Sul e o povo para o qual ele pregava e viera ao Brasil era formado por descendentes de alemães. “Abaixo desse Evangelho estava a preservação e a correção dos valores da germanidade, não do germanismo (!), da cultura em contexto de Rio Grande do Sul, do pequeno Brasil” (DREHER, 2014, p.180). Rotermund, descreve em *Empresas disparatas no Brasil*, originalmente publicado no *Kalender für die Deutschen in Brasilian*, no ano de 1891:

Quando se visita Bahia, Rio de Janeiro, Porto Alegre e, especialmente, São Leopoldo, tem-se a nítida impressão de que o Brasil e, especialmente o Rio Grande do Sul, fazem parte das nações civilizadas da terra. Vou ter o cuidado de não afirmar o contrário, pois estaria pisando no maior calo do patriotismo local dos meus compatriotas rio-grandenses, e, por isso, digo: a civilização, caso já não tenha casualmente estado aí, segue os alemães inequivocamente, assim como o cão de água sadio é seguido pelo rabo (ROTERMUND, 1997, p.214).

A articulação do Sínodo Riograndense e também a criação de sua própria editora e gráfica, assim como o trabalho jornalístico lhe mostravam onde estava a sua luta. Rotermund era teuto-brasileiro e como tal falaria a seus conterrâneos. Ele “era *Landsmann* (=conterrâneo). Como *Landsmann*, conterrâneo, passou a criticar as falhas e mesmo a autodestruição de seu grupo e

<sup>7</sup> Terra Natal, tradução livre. Ou *querência* como transcreve Martin Dreher.

esperava que suas palavras fossem aceitas como palavras de igual entre iguais” (DREHER, 2014, p.167). Para Rotermond, o teuto-brasileiro só consegue ser o que é, vivendo em dois contextos ao mesmo tempo, ou seja, em um duplo pertencimento. O teuto-brasileiro vive a partir de sua querência (*Heimat*) brasileira ao mesmo tempo em que convive com a cultura (*Kultur*) de seus antepassados (DREHER, 2014). Se negar uma dessas duas, tornar-se-á alguém sem identidade. E este era um erro dos alemães *pangermanistas* que tentavam impor uma identidade germânica sem a compreensão do amor do teuto-brasileiro à sua querência. Como Rotermond disse, “os que aqui nasceram jamais poderão ser outra coisa que brasileiros. Para eles a terra em que nasceram é tão preciosa como para qualquer brasileiro de outra origem”. Para o próprio Rotermond, querência era o Rio Grande do Sul” (DREHER, 2014, p.168). Nascia assim, para ele, o ideal teuto-gaúcho, um brasileiro que carrega a cultura de seus antepassados de um país estrangeiro, e busca vivenciá-la ao mesmo tempo em que tem amor por sua terra. “A questão que permanecia era se iria ser compreendido. Não o foi. O nacionalismo que começava a se instalar com vigor anunciava que manter as tradições dos antepassados era traição ao Brasil” (DREHER, 2014, p.168). Rotermond acentuava a necessidade de romper o isolamento do teuto-brasileiro e eliminar as barreiras que separavam eles dos demais brasileiros, com isso articulando o grupo étnico – com o Sínodo Riograndense – em buscar seus propósitos frente ao Estado brasileiro, isso é, uma articulação dos três níveis analíticos da etnicidade propostos por Barth (BARTH, 2003).

Em 1877, Rotermond passa a editar o jornal *Deutsche Post* (Correio Alemão). Após fundar o jornal, fez desse o porta-voz dos interesses luteranos, assim como dos interesses teutos. Entre as pautas estavam a luta por direitos políticos, culturais e étnicos. Os conceitos *teuto* e *evangélico* ou *igreja* e *germanidade* tornavam-se para ele sinônimos. Em termos de Georg Simmel, o conteúdo tanto da religiosidade quanto da etnia estavam inter-relacionadas expressando os mesmos símbolos, ou seja, constituindo ambos uma mesma forma. As dimensões cultural e político foram tão acentuadas por ele no jornal que, “em 1904, o Conselho Diretor da Igreja Evangélica da Prússia exigiu que, para continuar suas atividades como pastor de São Leopoldo, deixasse a direção do jornal” (DREHER, 2014, p.97). No entanto, Wilhelm Rotermond manteria a direção do jornal até 1912, quando passou a um de seus filhos. Em seu editorial de lançamento, no dia 18 de dezembro de 1880,

o *Deutsche Post* traz aos leitores, no artigo intitulado *Ein Wort auf den Weg* (Uma palavra para a caminhada), o que seriam os objetivos que norteariam a publicação do jornal: defender os interesses da população de origem alemã, principalmente evangélica, estabelecida no Rio Grande do Sul; trazer toda sorte de informações úteis aos leitores; trazer a todas as classes da população interessantes opções de leitura, com o objetivo de despertar o prazer da leitura e “vivificar o interesse na formação do espírito e do coração”; manter o modo de ser e os costumes alemães, através da língua e dos conteúdos veiculados pelo periódico; manter a ligação com a Alemanha, tanto comercial quanto culturalmente; modificar a opinião pública na Alemanha sobre a emigração alemã para o Brasil (DREHER, 2014, p.100).

Este era o seu ideal, defender os interesses da população teuto, especialmente a evangélica estabelecida no Rio Grande do Sul, e melhorar a opinião pública da Alemanha acerca da emigração para o Brasil.

O jornal foi uma alternativa para o fomento da cultura teuta e para a religião luterana, “a tônica foi sempre: preservação de valores religiosos e étnicos” (DREHER, 2014, p.98). Em-

bora Rotermund tenha tentado se manter neutro no debate partidário riograndense, foi acusado de empenhar-se em criar um partido religioso protestante e querer eleger-se deputado (DREHER, 2014). Se por um lado Rotermund tenha preferido não assumir um dos partidos políticos, apoiava candidatos que fossem de interesse na promoção de seus ideais. Mas esta não filiação a um partido, custou para Rotermund, alguns problemas, especialmente atentados contra a editora. Um destes, que ocorreu em 29 de setembro de 1928, destruiu a gráfica. “A 13 de outubro de 1928, seria publicado um último número do Deutsche Post. O jornal que durante 48 anos fora o centro da vida cultural dos teutos protestantes deixava de existir” (DREHER, 2014, p.99). A Editora Rotermund, continuaria operando, mas os materiais em língua alemã iriam parar de ser produzidos no ano de 1942.

Em defesa da emigração de alemães para o Brasil, o Pastor Doutor Wilhelm Rotermund escreveu que

“Até agora, mais de 96 por cento da emigração alemã está rumando para a América do Norte. Como cada emigrante custou ao país, em média, pelo menos DM 2.000, - em educação e preparação, um capital considerável está sendo retirado do país, sem que haja a perspectiva de que da América do Norte venha uma compensação para essa despesa. Afinal, aqueles que migraram para lá não consomem produtos alemães e, ainda por cima, se tornam concorrentes da Alemanha. Em tais circunstâncias, o economista terá que perguntar: será que não há um país na face da terra no qual os imigrantes continuem, ainda por muito tempo, sendo consumidores dos produtos da indústria alemã, onde o clima seja favorável para eles, onde o solo seja produtivo e onde as leis nacionais não dificultem o cumprimento do dever de cidadão e o exercício da religião? Alegro-me de coração que a resposta de todas as pessoas conhecedoras da situação aponte, de maneira quase que unânime, para a América do Sul e que especialmente o sul do Império do Brasil seja indicado como o país no qual as condições mencionadas são preenchidas” (Die soziale und politische Stellung der Deutschen in Süd-brasilien, p.29) (WITT, 1996, p.23).

Rotermund lamentou o fato dos alemães terem ido para os Estados Unidos local que se perdiam para a germanidade. Além do mais, os ideólogos do *pangermanismo* extramarítimo alegavam que os alemães emigrantes naquele país não consumiam os produtos alemães, pior, tornavam-se concorrentes da Alemanha. Rotermund, como outros idealistas, apresentava que a solução para o fomento de um mercado para o Estado alemão recém-unificado era que esses alemães emigrassem para a América do Sul, especialmente o Sul do Brasil e consumissem os produtos da pátria mãe, para isso, era essencial incentivar a germanidade nas colônias.

## A PRODUÇÃO LITERÁRIA DOS ALMANAQUES NAS COLÔNIAS

Por possuir uma editora e gráfica, Rotermund conseguia facilmente distribuir seus materiais, especialmente o “almanaque que, popularmente, ficou conhecido como *Rotermund-Kalender*. Trata-se do *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Almanaque para os Teutos no Brasil)” (DREHER, 2014, p.92). Os almanaques foram importantes instrumentos de propagação da cultura germânica entre os colonos, portanto fomentador da etnicidade. Os mesmos eram bastante consumidos entre a população teuto-brasileira, chegando a ter tiragens de 30.000 exemplares em 1923 (DREHER, 2014). O Almanaque para os Teutos no Brasil de Rotermund foi fundado em 1880, este teve a intenção de fazer frente ao Almanaque de Karl von Koseritz, com isso buscando reconquistar as populações das colônias para a fé cristã. No mundo lute-

rano do Rio Grande do Sul, “o Kalender für die Deutschen in Brasilien foi, ao lado de Bíblia e jornal, a principal fonte de leitura para os colonos. Trazia entretenimento, informação geral, agrícola e jurídica em linguagem acessível” (DREHER, 2014, p.92). O almanaque buscou criar uma consciência luterana e também preservar a germanidade.

Portanto, os almanaques foram importante instrumentos de fomento da germanidade na população das colônias. A obra *Os dois vizinhos e outros textos*, compilada e traduzida por Martin Dreher, é um material oriundo de escritos de Wilhelm Rotermund em almanaques, que contempla uma coletânea de contos, biografia, cartas e anotações históricas. Tais escritos foram publicados em “*Kalender für die Deutschen in Brasilien*” e em “*Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien*” entre os anos de 1891 e 1919. Os materiais presentes descrevem a vida cotidiana nas colônias alemãs do Sul do Brasil no período, mas também aborda o início da colonização. Percebe-se nos escritos as mais diferentes indagações da vida cotidiana nas colônias, desde assuntos corriqueiros como a compra de um cavalo, e os problemas decorrentes desta compra; a melancolia e saudades da pátria antiga (*Heimat*); pessoas que se deram mal nas colônias; e pessoas que se deram bem, que foram bem acolhidas pelos colonos.

Nestes escritos destacam-se os conteúdos que tangem à questão da etnicidade. O conto “*Os dois vizinhos*” (ROTERMUND, 1997), publicado originalmente no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* entre os anos de 1883 e 1884, é o material mais longo do livro. Este descreve as relações sociais cotidianas existentes na colônia alemã naquele contexto. Rotermund buscou descrever a sua visão da vida diária nas colônias, enfatizando a aculturação presente entre os teuto-brasileiros. Por isso, apresenta formas de tentar evitar este fenômeno constituindo a unificação da população teuta, também aborda as diferenças entre os teutos que vivem na cidade e na colônia.

Entre os colonos é mostrada a cidade como lugar corrupto em que se perde a cultura, na qual os filhos dos colonos aprendem péssimos valores dos brasileiros. As instituições públicas não são confiáveis, já que o único propósito delas é roubar mais dinheiro dos colonos enganando. Não há uma valorização do produto do colono na cidade, visto que um produto de péssima qualidade é vendido pelo mesmo valor que um de ótima qualidade, isso desestimulava os colonos a produzirem melhores produtos. Eis que ocorre o seguinte debate:

“Sim, sim”, continuou a falar com veemência, “me acredite, é na capital que estão os nossos inimigos; eles estragam os preços de nossos produtos e os próprios produtos, e com o contrabando que fazem, ainda arruinam a indústria; nenhum artesão consegue trabalhar tão barato como eles vendem as mercadorias contrabandeadas que, além disso, são uma porcaria. Assim, nosso bom dinheiro é mandado para o exterior e o que fica nas mãos e nos bolsos dos importadores isso eles juntam num monte e quando o monte está grande o suficiente, aí eles nadam com mulher e filhos para a Alemanha e mandam um outro representante de sua casa comercial, o qual após seis ou oito anos se locupletou e, por seu turno, manda um outro, que quer se engordar” (ROTERMUND, 1997, p.32).

Então

Jakob tirou a folha de milho da boca, espalhou o tabaco nela, distribuiu-o cuidadosamente e começou a enrolar. “Pode ser verdade”, disse, “mas tem que se levar em conta que dependemos dos senhores da cidade. Eles consomem bastante, dão animação à sociedade e espalham cultura na Província”.

“Ah é?”, debochou Peter Lip e o olhou de cima a baixo, “é o que você pensa? O que é que os senhores consomem?” A cerveja inglesa que tomam, a manteiga que comem, a farinha de trigo da qual fazem pão ou bolo ou doces, as sardinhas ou arenques ou salmão ou figos ou passas ou mesmo o arroz sobre a mesa e a camisa e a calça sobre o corpo e a cômoda na sala e a cadeira e a mesa e o espelho, os livros e as panelas, cobertas e camas, sapatos e meias – importam tudo, não creem mais em Deus, a religião deles é o mais miserável egoísmo; um busca passar o outro para trás; não chegam a ter tanta cultura a ponto de consentir com a fé do outro; moral é algo que não existe, a cidade está tão cheia de falta de ética e de depravação como Sodoma e Gomorra” (ROTERMUND, 1997, p.33).

Nesta discussão é apresentada a ideia de que na cidade ocorre a aculturação dos alemães, não apenas isso, mas uma degradação moral das pessoas. Neste sentido, é necessário um investimento educacional nas colônias para que não ocorra o abasileiramento total dos descendentes de alemães como vem ocorrendo nas cidades. Rotermund vai ao longo do conto tentar modelar um processo de constituição e manutenção da etnicidade teuto-brasileira, para com isso mobilizar o grupo com o propósito de se articular politicamente frente à questões com o Estado. Isso representa a articulação da etnicidade e os três níveis analíticos descritos por Fredrik Barth (BARTH, 2003), sendo a atuação de Rotermund a demonstração da dimensão micro. Neste caso, havia uma inter-relação da religiosidade e da etnicidade enquanto criadoras de símbolos que constituem vínculos entre os teuto-brasileiros, pois como Rotermund afirmava, *igreja e germanidade estão ligados na vida e na morte*.

Em outro trecho, é apresentada a questão de que nas colônias também há a corrupção presente nas cidades, muito provavelmente oriunda de materialistas. Há um diálogo entre o bodegueiro e um jovem proveniente da cidade, o bodegueiro, que é da colônia, tenta mostrar ser superior ao jovem urbano. Aquele apresenta-se como uma figura progressista, bastante culto, diferente de uma possível ideia que o jovem da cidade pudesse ter dos colonos. Ademais, o bodegueiro se apresenta como maçom, muito provavelmente um – ou filho – de *Brummer*<sup>8</sup>,

Agora, o rico e gordo vendeiro havia tocado em seu tema preferido e sentiu-se muito orgulhoso quando Franz observou que, através de sua cultura superior, também chegara a ter grande influência na colônia.

“E isso é também muito importante”, continuou loquaz. “De fato, se eu não estivesse aí, os padrecos já teriam colocado todo o mundo no saco. O povo por aqui é mais burro do que um boi. O que o padre ensina às pessoas e o que está escrito na Bíblia eles tomam por verdade. É, falta a cultura”.

“Mas o senhor não acredita no que está na Bíblia?”, perguntou Peter, e olhou espantado para o bodegueiro.

“Eu?”, gritou este com voz firme. “Vocês da cidade talvez pensem que só vocês têm cultura. Ah, aqui no mato também mora gente que progrediu com a cultura. Se eu acredito nisso? Mas o que você está achando que eu sou?”.

Enquanto isso, empertigou-se, enfiou a mão cheio de gravidade no peito e fez um sinal, caracterizando-se membro da maçonaria. Além disso, o sinal foi confirmado pela abotoadura dourado com os emblemas maçons. Para sua frustração, porém, viu que Peter não compreendia nem um nem o outro sinal de sua pretensa cultura, e, por isso, perguntou sarcástico: “O senhor, certamente, ainda pertence aos crentes?”

<sup>8</sup> Primeiro grupo de imigrantes alemães que buscaram desenvolver uma *kultur* alemã entre os colonos. Eles eram provenientes de grupos que emigraram após o fracasso revolucionário de 1848 nos Estados alemães independentes.



“Sem dúvida”, disse Peter abertamente. Os demais sorriram, e mesmo o pai de Peter não pôde ocultar o seu desconforto.

“Meu jovem”, disse o vendeiro, cheio de unção, “certamente não é culpa sua o fato de ser tão atrasado e ainda estar presos às cadeias da credence. Mas eu lhe digo: Enquanto os padres continuarem no país e a religião na escola, as coisas não vão melhorar”.

“Serei, por acaso, má pessoa por crer em Deus?”, perguntou Peter.

“Não estou falando disso”, retrucou o bodegueiro, “digo apenas que nos devemos libertar das trevas da credence e da ignorância. Progresso, progresso!”

“O senhor me julga tão ignorante?”, perguntou Peter. “Por acaso não entendo do meu ofício?” (ROTERMUND, 1997, p.28).

Neste diálogo apresenta-se uma relação que era corriqueira nas colônias alemãs: os conflitos entre católicos, evangélicos e os assim chamados “livres-pensadores” encabeçados por *Brum-mer* e maçons. Estes conflitos contrariam com a ideia corriqueira de que as colônias eram homogêneas. O anseio por uma unidade apareceria mais para o final do conto, quando é apresentada a esperança para os teuto-brasileiros conseguirem o seu espaço.

O conto adentra em seguida no debate da germanidade para então posteriormente ressignificar tal ideal com a constituição do que é ser teuto-brasileiro. No diálogo entre Peter Lip e Jakob, há a seguinte passagem,

“Mas você deveria confirmar”, disse Jakob, fazendo nova tentativa convicta, depois de ter finalmente e de modo bastante complicado, posto fogo em seu cigarro, soprando a fumaça comodamente, “você deveria confirmar que na cidade se faz muito pelas colônias e que especialmente se cultiva e fortalece a nossa germanidade”.

“Sim”, disse Peter Lip, “não é por acaso que se fala do ‘colono bobo’. Os camundongos se pega com tocinho. Escreve-se bastante; o papel é paciente; e também se promete bastante, pois não custa dinheiro. E quando o colono ouve a respeito de melhoramento das estradas e da diminuição dos impostos, e quando xingam valentemente o governo, aí ele ouve com devoção e tem a maior confiança. Mas de que nos adiantou? Conseguimos melhores escolas e melhores estradas e uma administração melhor? Hein? Não se trouxe uma porção de brigas e processos para as nossas colônias e para as nossas comunidades? Hein? Não foi justamente a nossa germanidade, nossa fidelidade e honradez alemã, nossa fé e nosso temor a Deus que nos roubaram? Hein? – Não, pode ir com sua cultura e suas boas maneiras e seu progresso para as cidades!” (ROTERMUND, 1997, p.34).

Percebe-se novamente que a cidade corrompe a germanidade, pois ela leva a um processo de assimilação *abrasileirando* os teutos. Isto deveria ser combatido, por isso os pangermanistas alegavam que era preciso investir e salvar estes alemães nas colônias. Mas, após confrontos entre pangermanistas e descendentes de colonos alemães, percebeu-se que o apelo pangermanista não ocorreria no Brasil. Na verdade, algo novo surgiria, uma etnicidade local pautada no amor pela sua *Heimat* (querência), logo o Brasil e não a Alemanha, mas também a valorização da *kultur* de seus descendentes.

Frente a isso é importante destacar a questão no que tange à formação de uma unidade étnica nas colônias. Mesmo com a unificação da Alemanha, em 1871, as diferenças étnicas entre os grupos de “alemães” colonos ainda eram bastante presentes nas colônias, como nesta discussão durante o *Kerb*,

Mas, depois de haverem esquentado um pouco, revelou-se que no menor país também há partidos.

"Pobres Birkenfelder", debochou Karl Brenner, "entre vocês há tantos dias de jejum quanto dias de festa".

"Mas nós somos gente boa", revidou o interpelado, "não somos tão grossos e rudes como os de Idar".

"Ah é? Não somos nós os que dão vida ao Kerb de vocês? Se os de Idar não estão aqui, não se come nada, e também não há diversão".

"E acima de tudo não há cabeças rachadas. Hein, Karl, pensas que esqueci como trabalhaste com teus longos braços?"

"Os Hunsbukler já estão brigando de novo?", perguntou um colono que trouxera consigo o cachimbo curto, típico de sua pátria no norte da Alemanha e que, por isso, recebera o apelido de Pfeifenphillip, Felipe do cachimbo.

"Mas o que sabes acerca dos Hunsbukler?", gritou-lhe um homem da sociedade de Birkenfeldianos. "os Hunsrück são gente famosa desde tempos antigos. Já derrotaram os hunos; - mas hunos e cães são para vocês a mesma coisa"<sup>9</sup>.

Antes que o colono pudesse tirar o cachimbo da boca, o compridão do Karl tomou a palavra: "Desde aquela época vocês do Hunsrück aprenderam a bater nos outros".

"Nisso tens razão, Karl", disse o Birkenfelder, "esses entendem melhor das coisas do que vocês de Idar. Onde os Hunsbukler vão a um Kerb, a coisa não fica só nas cabeças quebradas, aí também há mortos".

[...]

"Mal dá para acreditar", disse, "que possa haver espaço para tais pessoas em nosso pequeno principado e agora vocês já conseguem formar três partidos".

"Estás dizendo que não somos unidos?", gritou Karl Brenner. "Isso só se deve ao fato de nosso cônsul – o Fritz Rot do Wolfstal – haver morrido. Mas ainda hoje vamos eleger um novo. Parece que a crista de vocês pomeranos, mecklenburgenses e hanoveranos está crescendo; já vamos dar um jeito em vocês. Aí vamos trocar as colônias e as guaiacas".

"Mas isso o governo não permite", ponderou já meio temeroso o Pfeifenphillip.

"O governo?", continuou Karl Brenner. "Nem se pergunta muita pelo governo brasileiro! Nós não somos brasileiros, mas birkenfelder, quando tivermos um cônsul, não nos orientaremos pelas leis brasileiras. Por isso, o melhor é que você, Pfeifenphilipp, também se torne birkenfelder. Todos os demais vão se dar mal" (ROTERMUND, 1997, p.37).

Diferenças étnicas não poderiam ser suplantadas com a unificação do Estado alemão, pois estes imigrantes, em sua maioria, não eram "alemães" quando emigraram para o Brasil e muitos deles não eram intelectuais inseridos em debates *pangermanistas* que ansiavam pela unificação, ao menos cultural, dos estados alemães. Fronteiras étnicas não se erradicariam tão facilmente com um evento tão recente como a Unificação, em 1871, existiria ainda diferenciações. Deste modo, o diálogo apresenta a fragmentação entre os colonos alemães, na espera da figura do cônsul que os unificaria. No final da discussão também é mostrado o não reconhecimento como sendo brasileiros, isso está presente no trecho: "*mós não somos brasileiros, mas birkenfelder, quando tivermos um cônsul, não nos orientaremos pelas leis brasileiras*". Desta forma, esse debate apresenta o interesse de Rotermund em constituir um Sínodo, pois o mesmo seria um importante

<sup>9</sup> Martin Dreher escreve acerca da tradução que na parte em que está escrito "cão", que é "*hundē*" em alemão, há no original um trocadilho entre as palavras *Hunnen* (hunos) e *Hunde* (cães). Neste sentido, uma interpretação da palavra *Hunsrück* seria "*Planalto dos Hunos*", pois eles teriam permanecido naquele local por um tempo. Por isso que, tal local era denominado muitas vezes, de forma pejorativa, como o "*planalto dos cães*".

instrumento para a formação e unificação dos teuto-brasileiros, ao menos os evangélicos, seu público-alvo. Pois neste momento, eles se reconheciam como pequenos grupos étnicos distintos, mas com o devido agrupamento, todos tornar-se-iam alemães em uma unidade étnica e religiosa. Tal ideia remete aos moldes de Max Weber (WEBER, 2009), pois os pequenos grupos étnicos fragmentados em nada representavam, era preciso articular e constituir um vínculo entre eles e fomentar a crença na afinidade de origem em comum. E com isso “criar” o teuto-brasileiro, para então poderem reivindicar os seus ideais frente ao Estado nacional brasileiro. Os atores com uma instituição estabelecida conseguiriam mobilizar o grupo para os propósitos que lhes melhor interessava em suas reivindicações frente ao Estado nacional<sup>10</sup>.

Em seguida, a discussão entre os personagens apresenta a ideia central de Rotermond, que é a busca por uma unificação entre os teuto-brasileiros, ao menos os luteranos. Empreitada esta, que Rotermond tentaria ao constituir o Sínodo Riograndense.

“Concordo”, disse Paul, “falta alguma coisa no espírito comunitário, por isso não se consegue nada entre nós. Quantos clubes já experimentei por aqui. Há pouco, tivemos uma sociedade de cantores que existiu seis meses; depois, houve uma sociedade agrícola que faliu após quatro meses; então, veio a sociedade “Eintracht” (Concórdia), da qual não sei o que pretendia; essa também já se dissolveu”.

“É coisa conhecida”, disse Peter Lip, “que os alemães não são unidos. Até se podia dizer que os alemães são um povo incapaz de ter pensamento nacional, e, se Bismarck não os tivesse unido com sangue e ferro, não haveria um Reino alemão. Pois ninguém quer fazer sacrifícios em prol do todo; em compensação, cada um resmunga o quanto pode. Assim também é aqui: todos invejam a todos, cada um tem medo de que vai proporcionar alguma vantagem ao outro. E assim não chegamos a nada. Chegamos ao ponto de apoiar e de eleger, por pura inveja e ciúme, a brasileiros, penso nos brasileiros portugueses, para cargos, só para que nenhum compatriota seja mais honrado do que nós. Queria ver se um alemão estivesse no lugar de Silveira Martins, se aí ia estourar um foguete” (ROTERMUND, 1997, p.58).

Rotermond destaca a dificuldade em fazer com que os alemães fiquem unidos, mostra que sem a força de Bismarck isso dificilmente teria ocorrido. Na colônia, é pior ainda, há muita fofoca, as pessoas estão sempre resmungando. Eles não são ainda “alemães” mas os grupos étnicos fragmentados, por isso, é difícil fomentar a germanidade entre os colonos. Tal era o principal dilema não só de Rotermond, mas também de Hermann Borchard e outros pastores com formação acadêmica que tinham sonhos *pangermanistas* entre os colonos alemães no exterior. Da mesma forma que houve Bismarck, as colônias precisariam de uma mão forte para os unificar.

Silveira Martins foi uma figura política que abdicou de seu cargo de senador, para se tornar presidente da Província do Rio Grande do Sul, supostamente em nome dos brasileiros acatólicos. Há no conto, uma narrativa da caminhada de Martins pelas colônias. Rotermond em um primeiro momento apoiou a iniciativa de Silveira Martins em prol dos teuto-brasileiros, depois percebeu que era apenas uma jogada política e passou a não apoiar o mesmo (DREHER, 2014). No conto, há um diálogo de Silveira Martins com um comerciante da colônia

<sup>10</sup> Sendo assim a articulação dos três níveis analíticos da etnicidade, micro, médio e macro (BARTH, 2003).

"Vossa excelência também fala alemão?", perguntou o comerciante Wildhahn em língua alemão. "Não falo, mas entendo um pouco", respondeu Silveira Martins no mesmo idioma, para depois continuar em português: "A língua alemã tem uma rica literatura; nossa língua é pobre em relação a ela; muito temos a aprender da literatura alemã".

"Nossa excelência conhece a literatura alemã melhor do que a maioria dos alemães que moram nesses vales", disse Wildhahn.

"Lamento pelos alemães", foi a resposta. "Um povo não se torna grande e feliz apenas por meio de trabalho físico; é necessário que o trabalho intelectual sempre esteja presente. Não queremos criar com os alemães uma raça de ilotas, não devem substituir os escravos negros na condição de escravos brancos. Convidamo-los para que viessem a nossas plagas hospitalares a fim de que nos auxiliassem a explorar as riquezas do país, a fim de que trabalhassem conosco para a grandeza e o futuro do Brasil. Para tanto, é necessário que se mantenham dignos de sua grande nação do outro lado do oceano. Seria uma vergonha para o nosso país, caso os alemães aqui se perdessem. Façam seus filhos estudar, deixem que se tornem doutores para que possam participar das questões do país" (ROTERMUND, 1997, p.62).

Este diálogo mostra uma figura externa da comunidade, um "brasileiro" incentivando os colonos alemães a não se perderem e que mantenham a "nobre cultura alemã". A obra assim, apresenta também a importância do trabalho intelectual, ou seja, estimular a dimensão espiritual e não apenas o trabalho braçal como vinha ocorrendo nas colônias, pois é esta dimensão espiritual que vai promover a *Deutschtum*. Logo em seguida, nesta discussão, começa o debate acerca do branqueamento da população brasileira, Silveira Martins responde,

"Vocês já são bons brasileiros", disse. "Aqui no Rio Grande ainda vai surgir uma raça forte, quando houver se mesclado bem: força nos braços, tutano nos ossos e ideias na cabeça. É uma terra magnífica" (ROTERMUND, 1997, p.63).

Posteriormente, Silveira Martins proclama em um discurso

A cavalgada às colônias alemãs estaria confirmando sua decisão; via que atrás dele se postava um povo forte e inteligente que mesmo sob o peso de trabalho duro não se teria deixado tomar os ideais de vida. "Permaneça no caminho iniciado!", foi mais ou menos assim que encerrou seu discurso. "Tende confiança no futuro do novo país que abraçastes com vossa segunda pátria. É certo que vos preparou muitas injustiças, vossa confiança foi muitas vezes enganada e abusada, mas isso não vos deixe esmorecer. Ainda há homens, e são os melhores do Império, que estão a meu lado, homens que têm a firme convicção que da união das mais diferentes raças há de surgir no Rio Grande um povo forte. Ainda há muita inquietação em nossa Província, mas tenham a certeza de que ainda haveremos de escrever aqui uma página da história universal. Se nossos olhos ainda o verão ou não, que importa? Basta sabermos que o futuro é nosso. Trabalhem, meus amigos, desinteressadamente pelo futuro e juntem-se comigo no grito: Viva a Província do Rio Grande do Sul!" (ROTERMUND, 1997, p.64).

Eis que Peter Lip, personagem já mencionado, se ergue, não mais como uma micro etnia qualquer, mas como teuto-brasileiro e proclama um discurso

"Compatriotas!", começou. "Sou um homem simples e não estou acostumado a dar discursos. Mas tenho que lhes dizer uma coisa: o que hoje me alegra é a unanimidade que há entre nós alemães. Nós, os velhos, já estamos acostumados um bom tempo por aqui e tivemos que aguen-

tar muita coisa; não podíamos nos defender, pois o que vale um alemão desses? Muitas vezes, fomos explorados, e poucas foram as vezes em que o alemão teve seus direitos assegurados. Hoje há cerca de 100.000 alemães em nossa Província. Céus, que poderíamos fazer se fôssemos unidos!” (ROTERMUND, 1997, p.67).

Mais uma vez, Rotermund apresenta em seus personagens o anseio de uma unificação, ou a constituição de uma associação que possa unir os alemães. Pois com isso, eles conseguiriam se mobilizar melhor frente a suas reivindicações com o Estado brasileiro, mas para isso eles devem deixar de ser grupos fragmentados. Durante o discurso, Rotermund apresenta a transformação das personagens, de alemães estrangeiros, pela primeira vez, após o clamor de Peter Lip, assumem uma identidade étnica local reconhecendo-se não como alemães, mas como teuto-brasileiros constituindo assim a sua etnicidade.

“Houve um viva vibrante, jubiloso. Foi praticamente a primeira chama do patriotismo na mata; pela primeira vez, o coração daqueles homens foi perpassado de consciência orgulhosa e alegre: **“Eu sou rio-grandense!”**<sup>11</sup> Para eles até agora só fora um lugar para morar, mas não uma pátria. Sobre eles, que haviam se afastado da Alemanha com lágrimas, mas aqui ainda não haviam deitado raízes, baixou nas palavras inflamadas do grande tribuno todo o glorioso passado de uma Província orgulhosa que também os engalanava e consagrava. O sentimento de abandono desaparecera, o profundo sulco entre alemães e brasileiros estava superado” (ROTERMUND, 1997, p.68).

Assim, surge o teuto-brasileiro, a partir desta transformação simbólica, do até então “alemão” fragmentado em pequenos grupos étnicos que não se reconhecia como brasileiro e esperava pelo consul. O mesmo passa a se tornar teuto-brasileiro, ou seja, não nega a nacionalidade brasileira, na verdade a exalta pois sua *Heimat* (querência) é o Rio Grande do Sul e consequentemente o Brasil. Mas reconhece também ser portador de uma *kultur* que o diferencia dos demais brasileiros e na qual deve propaga-la para as novas gerações, mantendo assim a tradição.

Outro conto interessante para a dimensão da etnicidade e sua inter-relação com a religiosidade é o intitulado *Brilhantine*, publicado originalmente em *Kalender für die Deutschen in Brasilien* no ano de 1898, este é uma crítica à aculturação presente entre os teuto-gaúchos. Apresenta o declínio da cultura alemã no Rio Grande do Sul a partir da figura feminina, como sendo a chave para alterar o processo de aculturação. Wilhelm Rotermund escreve que a nova geração está desinteressada pela esfera cultural, por isso proclama que, todos colonos devem conhecer a Brilhantine. Neste sentido, Rotermund manifesta que, é função imprescindível a educação das jovens,

ou faze soar uma vez perto dela o discurso acerca da grande tarefa cultural do povo alemão, de como deve representar de maneira digna aqui, entre os representantes de muitas nações, através de todos os seus membros, a maravilhosa terra-mãe, com trabalho, honradez e força intelectual; de como a mãe deve insuflar em seus filhos o orgulho: graças a Deus sou um alemão! Ergue tua voz, tanto quanto puderes, mas não encontrarás qualquer eco nela ou na casa dela. Ela nada sabe das maravilhas da Alemanha; ela jamais sentiu o que significa pertencer a esta ou àquela nação; o espírito, que acima de tudo é a herança do povo alemão, foi totalmente negligenciado

<sup>11</sup> Negrito mantido como consta na obra.



nela (ROTERMUND, 1997, p.153).

A mulher ser a porta-voz da cultura para seus filhos e as novas gerações é um ideal um tanto recorrente no imaginário imigrante. Rotermond faz um adendo, apresentando que estes teuto-brasileiros que abandonaram a cultura alemã, não são os mesmos que mantém e fomentam a germanidade para as novas gerações. Neste segundo caso encontram-se as leitoras do *Kalender*, pois o fato de estar lendo o material mostra o seu interesse pela manutenção da *kultur*. Por isso, Rotermond conclama para as jovens:

Preserve o que te é familiar, mulher alemã. Tu és a alma da casa, o espírito protetor de teu povo, o esteio de bons costumes. Educa tua Brillhantine; ela há de te agradecer por lhe haveres dado a vida. Planta amor e temor de Deus no coração de teus filhos; educa-os com rigor, mas com amor; deixa-os sentir o prazer e o gozo de ter uma mãe amada e um pai bondoso. Faze todo o sacrifício para que aprendam coisa de valor. Nós alemães, temos que preservar nosso vigor; temos grandes tarefas a cumprir neste país. Para tanto, porém, não podemos prescindir da colaboração da mulher (ROTERMUND, 1997, p.154).

Cabe salientar que, o conto *Brilhantine* foi publicado um ano após a naturalização de Rotermond, tornando-se assim brasileiro. Talvez esse seja um dos motivos para tal texto ser bastante panfletário, no sentido de estimular a promoção de manutenção da etnicidade entre os teuto-brasileiros. Pelo fato destes terem uma "tarefa" a ser cumprida no Brasil, Rotermond atribui um papel fundamental para as mulheres pois elas que transmitirão os atributos culturais aos descendentes de alemães. Os mesmos possuem a *kultur* alemã e devem propaga-la, não se desinteressarem pelas dimensões do espírito como vem ocorrendo nas colônias até então.

Em "*Ama, enquanto puderes!*", extraído do *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, ano 1886 e 1890, é narrada a tragédia romântica de Robert e Berta. Rotermond ao descrever o sentimento de duas almas separadas, nos remete a um duplo pertencimento, o estado de ser e não ser, estar presente e ausente ao mesmo tempo, ideia esta que remete aos moldes descritos por Simmel em seu ensaio *O Estrangeiro* (SIMMEL, 2004), este duplo pertencimento é a sina do teuto-brasileiro. Rotermond relata o seu anseio para com os teuto-brasileiros:

No ano que passou, fiz excursão por diversas colônias alemãs e tomei rumo oeste, seguindo a colonização. Tal viagem é um refrigério para o corpo e para a alma. A gente tem orgulho de seus compatriotas alemães que conquistaram e construíram para si, nas encostas das montanhas cobertas de mata, uma pátria bela quanto o seu panorama e economicamente rica. Enquanto a pouca distância ainda residem em míseros barracos brasileiros, que ainda não fugira ante a cultura teuta, as casas bem construídas dos colonos alemães estão inseridas em esplêndidas plantações. Alimentação sadia, ar puro da mata, boa conversa no círculo de pessoas felizes e satisfeitas fazem bem ao viajante, e quando ele, em horas calmas, reflete sobre o destino da Província, que se lhe tornou pátria, aí desaparecem as preocupações que o oprimiam na agitação política da vida da cidade e que o tornavam melancólico. Ele sabe onde está o tutano do país, onde bate o coração da Província. Essa estirpe de cerne, considerada por determinados senhores como alienígena, está destinada a outra coisa do que derrubar a mata e pagar os impostos. O caminhante fica pensativo ante a misteriosa cortina que encobre o palco do futuro. Uma coisa, no entanto, ele sabe: nesse palco será apresentada peça clássica: no solo do Rio Grande ainda vai se desenrolar parte da história mundial, e os teutos não serão os espectadores (ROTERMUND, 1997, p.180).

Após essa exaltação, eis que Rotermund proclama a necessidade de união entre os teuto-brasileiros, deixar de lado as identidades étnicas dos pequenos grupos locais, e focarem em promoção de uma germanidade unificada. Pois uma grande história ainda aguarda os teutos:

Possivelmente, isso ainda se encontre em futuro distante. Por enquanto, as coisas também fermentam e fervem nas colônias alemãs. Os elementos ainda têm que ser purificados, a estirpe ainda tem que ser educada em dura escola. É necessário que antes desapareça o sentimento de inferioridade apegado a muitos que vieram de situação difícil na Alemanha e que aqui, pela primeira vez, deixam entrar neles todo o orgulho do ser humano livre. É necessário que desapareça o ser arrogante que se infla presunçoso no pequeno círculo e que se promova às custas de excessos contra os companheiros de seu grupo. É necessário que se mesquem o pomerano e o renano, o suábio e o mecklenburgense, o westfálio e o silésio. É necessário que o filho do outrora diarista esteja em condições de igualdade com o filho do outrora funcionário público, e a berlinense deve poder hospedar-se com a outrora serva. Ainda haverá muita luta até que o orgulho seja quebrado e a barbárie tenha desaparecido, até que o coração se abra e a face brilhe, se torne amável. Aqui o processo de clarificação anda rápido, ali ele anda devagar (ROTtermUND, 1997, p.181).

Novamente Rotermund proclama que é preciso, unificar os grupos fragmentados e constituir o teuto-brasileiro, pois o alemão trouxe uma “*kultur*” que deve ser cultivada no solo gaúcho. O teuto-gaúcho é um brasileiro que jamais se esquece da bagagem cultural que carrega vinda da Alemanha, mas ele só vai surgir se os pequenos grupos se unirem em prol de um ideal. Por isso a constituição do Sínodo era fundamental, pois com o mesmo conseguiria mobilizar para os propósitos do grupo étnico.

Sem a superação das diferenciações étnicas entre os alemães o projeto jamais conseguirá se concretizar. Rotermund escreve em *Contribuições para a história da Igreja Evangélica alemã no Rio Grande do Sul*, originalmente publicado em *Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien*, em 1919, que:

É difícil apresentar descrição apropriada para as comunidades da colônia. Em primeiro lugar, deve-se levar em consideração a diversidade tribal dos imigrantes. Os birkenfeldianos são totalmente diferentes dos westfalianos, os do Hunsrück são distintos dos pomeranos, os renanos dos bávaros, os suábios dos do norte da Alemanha. Quando pessoas pertencentes a diversos grupos moravam em uma mesma picada, a convivência pacífica só se tornava possível na geração seguinte. Na formação da comunidade, as diferenças dos costumes e concepções eclesiais eram especialmente complicadas, pois cada um as havia trazido consigo da querência e queria vê-las consideradas e continuadas aqui. Pelo que me consta, jamais houve discussões doutrinárias, mas havia pendengas quanto à colocação rural da Alemanha, têm caráter distinto daquelas que foram formadas por antigos trabalhadores das fábricas. Do mesmo modo, é significativa a diferença entre as comunidades cujos membros ainda vieram todos eles da Alemanha e aquelas nas quais já vive a segunda ou terceira geração (ROTtermUND, 1997, p.272).

É por isso que a criação de uma unidade étnica e cultural, especialmente entre os luteranos tinha sido essencial. Agora era preciso mantê-la, pois, “*Kirche und Deutschtum sind auf Leben und Tod miteinander verbunden*”, isto é, Igreja e Germanidade estão ligados na vida e na morte nas palavras de Wilhelm Rotermund. Ele compreendeu que os ideais de intelectuais alemães em reviver a *Deutschtum* no Brasil, estavam errados. Era preciso reformular esta ideia e constituir,

na verdade, a etnicidade teuto-brasileira. Afinal, estes, são brasileiros e amam a sua *heimat*, mas que ao mesmo tempo são diferentes de muitos dos brasileiros, aqueles possuem uma *kultur* alemã e esta deve ser cultivada para o progresso da região e do país. Criando assim, uma situação de um duplo-pertencimento, esta é a sina do teuto-brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visou apresentar os processos subjetivos que produzem a experiência da formação da etnicidade teuto-brasileira presente nos escritos do pastor doutor Wilhelm Rotermund, figura-chave na formação do Sínodo Riograndense e defensor da união e formação da etnicidade teuto-brasileira. Nestes escritos o autor descreveu o seu anseio em promover uma unidade entre os teuto-brasileiros, até então, desunidos e fragmentados em pequenos grupos. Apenas com uma unificação é que poderia ser promovido o verdadeiro ideal da germanidade entre os colonos. Rotermund percebeu que na verdade, os colonos não deviam se tornar uma cópia dos alemães na Alemanha, mas sim ressignificar este ideal e constituir o teuto-brasileiro, indivíduos em um duplo pertencimento. A igreja luterana na figura do Sínodo Riograndense era um importante espaço de sociabilidade que possibilitava a reprodução da etnicidade de um grupo étnico descendente de imigrantes. No entanto, ela não foi a única instituição promotora da identidade étnica, mas uma das que ajudaram na articulação desta etnicidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBA, Richard; NEE Victor. **Remaking the American Mainstream: Assimilation and Contemporary Immigration**. Cambridge, Harvard University Press, 2003.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. IN: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo, Unesp, 2011.
- \_\_\_\_\_. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. IN: Org. VERMEULEN, Hans; GOVERS, Cora. **Antropologia da etnicidade**. Para além de "Ethnic Groups and Boundaries". Lisboa, Fim de século, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, volume 2. São Paulo, Paz e Terra, 2013.
- DREHER, Martin Norberto. **Wilhelm Rotermund: seu tempo – suas obras**. São Leopoldo, Oikos, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo, Sinodal, 2003.
- FENTON, Steve. **Etnicidade**. Lisboa, Instituto Piaget, 2003.
- FISCHER, Joachim. Dokumente zur Geschichte der Riograndenser Synode. 1. Teil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.7, n.1., p.94-110, 1967a.
- \_\_\_\_\_. Dokumente zur Geschichte der Riograndenser Synode. 2. Teil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.7, n.2., p.94-110, 1967b.
- JENKINS, Richard. **Rethinking ethnicity: arguments and explorations**. Londres, Sage Publications, 1997.
- MONSMA, Karl Martin. **A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914**. São Carlos, EDUFSCar, 2016.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo, Unesp, 2011.

- ROTERMUND, Wilhelm. **Os dois vizinhos e outros textos**. Porto Alegre, Edições EST, 1997.
- SIMMEL, Georg. **Fidelidade e gratidão e outros textos**. Lisboa, Relógio D'Água, 2004.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Volume 1. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2009.
- WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**: estratégias políticas, imigração alemã. Rio Grande do Sul – Século XIX. São Leopoldo, Oikos, 2015.
- WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e colonização**: a pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense. São Leopoldo, Sinodal, 1996.